

## Amor e Maravilhoso como Formas de Conhecimento em «Isto Ontem Único», de António Maria Lisboa.

Maria Raquel Limão de Andrade  
Professora na ULHT

### **Resumo:**

Verdadeira viagem iniciática, o poema surrealista de António Maria Lisboa, «Isto ontem único», é também o desejo de integração cósmica do Homem através do diálogo com a Mulher, que, pela sua capacidade unificadora, o conduz ao espaço da unidade perdida. Feita num contexto de maravilhoso e feérico, é a navegação pelas águas da escrita, a “via do conhecimento sábio”, no dizer do próprio Poeta. Porque das palavras se liberta a energia com que se recria o mundo: água, sim, mas também terra, fogo, ar, associados ao amor que regenera todas as coisas.

### **Resumé:**

Tout en ayant comme objectif l'intégration harmonieuse et cosmique de l'homme, le poème surréaliste d'António Maria Lisboa, «Isto ontem único», est un vrai voyage initiatique à travers les océans de la poésie. Il est aussi la recherche de l'unité perdue, réussie par le dialogue amoureux avec la Femme, dans un contexte de merveilleux où l'énergie des mots – eau, terre, feu et air - contribue à la récréation d'un monde parfait.

### **Palavras-chave:**

amor, maravilhoso, mulher, viagem, integração cósmica, conhecimento, unidade.

### **Mots-clé:**

amour, merveilleux, femme, voyage, intégration cosmique, connaissance, unité.

## ISSO ONTEM ÚNICO

A fita desfiada e amarela que trazes ao pescoço equilibrada nos teus dedos de marfim, a gruta onde nos fixámos sobre o brilhante rubro; o jogo de sínteses ainda em esboço primário na curva imensa, o rosto sem olhos atravessado por uma seta do guerreiro do lago, do corsário oceânico, do legendário argonauta.

Persisto, idêntico e semelhante a uma multidão de garotos sem memória, na estrada de parafusos que contornas medindo a compasso a distância quilométrica que percorres, imagina! Imagino-te a dez quilómetros certos sem um gesto.

Persisto na noite que nasceu para além dos olhos, no vento que fundiu a planície, igualmente em todo o mundo visível, em tudo que toca e resplandece alargando-se até ao infinito onde estão os teus olhos de Mulher-Mãe, Magnífica na tua veste de cabelos!

Procura-me quando encontrares, na viagem que vais fazer, o teu número fatídico no triângulo negro onde está representada a Mulher de cinco cabeças e, sobre a pedra, a palavra mágica do nosso encontro.

Virás ao saberes da existência do Surreal quando os homens furiosamente afirmam a sua vida, quando das paredes derruídas vêm palavras estranhas e prevêm o futuro hieroglifos indecifráveis inscritos nas pedras dos túmulos te indicam.

Virás ao saberes que te ocultaram a existência do teu ser autónomo e real ao acordares um dia com o céu, o vento na erecção das árvores, quando o teu nasceu virgem nas estrelas ao nasceres tu.

Procura-me quando a morte seja impossível e já não seja possível viver ? quando já nada for possível SAGIRI e então opor-me-ei ao mundo a que nos opomos, apontarei a mulher-morta onde o opaco é transparente e cairá a estrela cadente rápida e precisa, que os mortos dizem e dizem que estou louco no movimento perpendicular.

Procura-se quando já não for possível nem morto, lento, alto, ruidoso de caridade, com objectivos exóticos intensamente iluminados, quando já nada for possível e apareceres sem nexos, estranha a ti mesma, diferente, como um bloco de prédios demolidos ou ave negra.

FALSA a nossa vida sabotada no pasmo em que vivemos, na negação do que nos é mais grato – o AMOR prevista a LIBERDADE!

Mulher-Mãe! a afirmação exaltada que nos queima os dedos entrelaçados. Mulher-Mãe tumulada! Sem sabermos um do outro ambos nos procurámos no labirinto. Nós

Amor! que existes porque existo e existimos assim para além das montanhas de mar que nos cercam, para além da noite, para além de ti, de mim, do corpo que formamos, síntese de toda a poesia feita.

Dedico-te este poema para existires integral, completa, real como o objecto que não se nega, como o invisível, como o universo onde vivemos separados-unidos para sempre? REAL e LIVRE!

Afirmo-te, antes de partires e antes de regressares da tua viagem em direcção ao Oriente, no muro longo onde ficou inscrito fundo o NÃO que nos move. Afirmo-te porque nos reconheceremos mesmo mortos, mesmo transformados.

Na paragem que teve a nossa Vida, eu e tu, Mulher-Mãe, tumultados num sonho, numa noite, na estação de embarque, na mesma onde me encontrarás parado, quando regressares, sem um aceno, sem um lágrima, porque eu sei o inevitável onde nos conduziremos a ambos: Mulher-Mãe.

Mulher-Mãe sabemos!

Magnífica a misteriosa sedução do nosso amor  
Magnífica que as palavras não dizem e tu dizes e eu digo  
com os nossos corpos exageradamente trémulos e ferozes apesar  
de meigos.

Magnífica que decorei de ponta a ponta na memória.

? o teu olhar brilhante e escuro, o cordão que te cerca.

– os nós de que és feita e á feita a nossa união.

? o oceano em que navegas e naufragas para ressurgires com  
pleta.

depois da forma do mundo no azul da montanha

depois das reacções estranhas na tempestade de vento.

depois do grito de Liberdade que soltámos, Magnífica!

Nós Mulher-Mãe sobreviventes!

RAOMOMAR

amor confuso, amor repetido, amor exotérico, amor mágico.

– MAR.

mar perdido de conchas no meio do mar.

mar de marés justapostas de amor num mar de marfim.

perdido no teu joelho de marfim.

mar de bosques que anuncia ao estrangeiro a terra perfumada.  
oceano no teu oceano de olhar  
Isís a mulher de Osíris ? a realidade misturada.

O MAR.

mar que te aponte do alto da torre coberta pelo nevoeiro  
pelo avião que atravessa o espaço  
pelo incêndio que percorre o mundo num autocarro  
pelo soerguer do teu corpo semi-quente na madrugada

mar azul-vermelho queimado de arestas  
mar de dedos frios, de velas sibilinas na noite de cristal  
mar de sonâmbulos esquecidos a medir o espaço com fitas de estrelas  
mar de passageiros estranhos e abismados  
mar de casas altíssimas onde habitam as cidades

MAR para que não me chegam os olhos  
mar branco de nuvens sobrepostas para lhe podermos passar por cima  
mar de esquecimento, de objectos sensíveis e distintos  
mar onde guardei o aquário azul que trouxe até hoje na memória

só hoje te espalho para o mundo MAR  
onde é possível e provável o envenenamento total da espécie.  
onde descanso a minha mão esquerda sobre uma pantera negra  
e todos os dias mergulho em fogo

amor sem nexos, amor contínuo, amor disperso – MAR

mar com uma bala direita no cérebro  
mar sem apoio em nenhum ponto do espaço, mas preso apesar de  
tudo numa enorme teia diabolicamente construída para conseguir  
ser livre  
mar de submarinos insondáveis que navegam o infinito do mar  
mar espacial de sons, de cores, de imagens, de mil anos passados  
que percorremos

MAR que flutua no MAR abusivamente medonho

Amor esquecido, amor distante, amor insolente

RAOMOMAR

O teu corpo envolvente vestido de água

os teus braços em túnel que trazes desde a infância  
o pelourinho azul que se ergueu na praça ampla  
e fotografei dez vezes dez anos volvidos

Ficar depois energeticamente deitado  
até à descoberta da máquina de quem só eu tenho o projecto  
até que me rebentem os pulmões de tanto descanso  
e os meus pés criem bichos multiformes e ganhem raízes  
até a caridade e o crime serem de qualquer modo um arrojo impossível  
até dizer a minha enorme e persistente capacidade de nojo  
até me crescerem as barbas e com elas amarrar-me  
à cama onde me encontro deitado  
e ficar a arquitectar crimes e caridades

até tu vires lenta lavar-me os pés inchados e vermelhos de tanto  
descanso, de tanto não mexer uma ilusão  
até tu vires ler-me as minhas ideias rascunhadas na minha outra  
Liberdade  
contar-me as histórias da minha infância sem omitir um detalhe  
recitar-me todos os meus poemas e todos os poemas do princípio  
do mundo  
e descrever-me a nossa pesca à mão das trutas que navegam o Rio

Ficar energeticamente deitado  
até que os prédios cresçam e arranhem o céu  
fazendo cair dele gotas de sangue como chuva  
até nos esquecermos totalmente dos que existem e para que existem  
enquanto nos envolvemos de sedas, de veludos e plantas aquáticas  
e assim terminarmos mais depressa de contar os nossos dias

E ASSIM PERDERMOS TUDO ? perder-te a ti Infinita  
construída de estrelas, de nuvens, de oceano, de pérolas esque  
cidas

Saber-te depois distante e entre aspedras do meu sonho  
saber-te RAINHA nas árvores da noite  
MINHA em todas as histórias da minha infância  
LOUCA nos olhos diabolicamente frios que me espreitam  
no sonho do monstro que habitamos  
saber-te ÁRVORE que sobressai nítida na inacreditável superfície  
e estende os ramos em baloiço  
e as raízes para o outro lado da superfície sem espessura

onde os homens andam ao invés de pés para o espaço  
e cobrem-se de mares para dormirem nas montanhas  
AMOR ? nunca como agora o Amor foi tão significativo  
tão único baluarte da realidade real  
da negação negada, da perca total que procuro  
Saber-te ASSIM até saberes isso completamente, tão completamente  
como sabes ser uma estreia o ponto cintilante que criaste  
como sabes ser a verdade a verdade que cegamente no nosso sonho

AMOR ? no nosso sonho afirmaste

SABER-TE ASSIM ATÉ À ETERNIDADE LIBERTA NAS SOMBRAS

\*\*\*\*\*

*“O verdadeiro objectivo da viagem maravilhosa é  
e exploração mais total da realidade universal”<sup>1</sup>*

Estruturado em dois momentos distintos – a prosa e o verso – o poema de António Maria Lisboa, *Isso Ontem Único*, constitui um convite a uma espécie de viagem iniciática aos paraísos de liberdade e de perfeição que são o passado e futuro, enquanto negação do presente monótono e sombrio.

O desejo de apropriação do mundo pelo homem e a sua plena e harmoniosa integração cósmica constituem-se como imperativos dessa viagem que se cumpre através dos caminhos do maravilhoso, sempre numa espécie de diálogo com a Mulher.

Iniciada num contexto feérico de “grutas”, “lagos” e “oceanos” habitados por “guerreiros”, “corsários” e “legendários argonautas” que guardam “o brilhante rubro”, a trajectória, recheada de ingredientes esotéricos – a provocação e o sofrimento – tem um destino: o futuro, também designado pela metáfora de saber decadentista de “Oriente”.

É, então, um navegador pelas águas da escrita que, na acepção do próprio António Maria Lisboa é a via do “conhecimento sábio”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cristina Almeida Ribeiro, *Caminhos do maravilhoso em alguns poetas surrealistas*, Vértice, II série, n.º 39, Junho de 1991, p. 35.

<sup>2</sup> António Maria Lisboa, *Erro Próprio*, (Cristina de Almeida Ribeiro, *Caminhos do maravilhoso em alguns poetas surrealistas*, Vértice, II série, n.º 39, 1991, p. 35)

Sempre persistindo nos caminhos penosos da provação, o sujeito lírico e a Mulher, de nome SAGIRI, enfrentam “a noite” e “o vento”, rumo ao futuro que, como defende Mabille, “ostenta as cores com que o adornam os nossos desejos e os nossos receios”<sup>3</sup>.

“Virás ao saber que te ocultaram a existência do teu ser autónomo e real aos acordares um dia com o céu, o vento, na erecção das árvores, quando o teu nome nasceu virgem nas estrelas ao nasceres tu”.

A viagem maravilhosa por mar rumo ao futuro cumpre-se pelo distanciamento do real enquanto tédio, negação e falsidade e pela afirmação da capacidade transfiguradora do mundo inerente ao discurso poético:

“Afirmo-te antes de partires e antes de regressares da tua viagem em direcção ao Oriente, no muro longo onde ficou inscrito o NÃO que nos move. Afirmo-te porque nos reconheceremos mesmo mortos, mesmo transformados”.

Apropriando-se do que nomeia, a escrita aprisiona, na sua estrutura verbal, como que por magia, a realidade universal e o encontro com o Outro.

O poema surge, assim, como o espaço de todas as sínteses, lugar da participação cósmica e garante do acesso à sabedoria.

Ocorrem-me as palavras de António Ramos Rosa para quem “a poesia se torna uma verdadeira experiência do mundo”<sup>4</sup>.

“Dedico-te este poema para existires integral, completa, real como o objectivo que não se nega, como o invisível, como o universo onde vivemos separados-unidos para sempre – REAL e LIVRE”.

Mas, na estratégia surrealista, o acesso ao conhecimento faz-se também pelo amor que, tal como o maravilhoso, aparece, neste poema, associado ao Mar, nas suas múltiplas facetas de similitude fónica e semântica.

Após um conjunto de frases que, segundo Maria de Fátima Marinho, se sucedem “sem a mínima relação semântica entre si”<sup>5</sup>, o dizer poético ondula em versos livres, caudalosos, transbordantes de imagens enérgicas, de anáforas vibrantes e de pares antinómicos que tendem à unificação: luz/sombra; vida / morte; masculino/feminino.

---

<sup>3</sup> Pierre Mabille, *Le Merveilleux*, Paris, Editions de Quatre Vents, 1946, (Trad. Port. Lisboa, Fenda, 1990, p. 32)

<sup>4</sup> António Ramos Rosa, *Cesariny ou a sublevação da palavra, Inscrições Obliquas*, Lisboa, Caminho, 1987, p. 27.

<sup>5</sup> Maria de Fátima Marinho, *O Surrealismo em Portugal*, Lisboa, JN-CM s/d, p. 218.

É o momento de percorrer o caminho em direcção ao passado, realizado pela memória e pelo enlevo poético, mas também por sucessivas provações de “tempestade de vento” e onde os amantes soltarão o grito de Liberdade:

“Magnífica que decorei de ponta a ponta na memória

.....  
Depois da forma do mudo no azul da montanha  
Depois das reacções estranhas na tempestade do vento  
Depois do grito de liberdade que soltámos, Magnífica”

Aí, nesse espaço de síntese, de “realidade misturada” – “RAONOMAR”, se operará o regresso à unidade perdida, o conhecimento pleno do mundo e o reconhecimento de si no outro:

“Mulher – Mãe sabemos!”

Apesar da afirmação sexual do sujeito poético, da declaração da identidade masculina, feita na 1.<sup>a</sup> parte, o discurso é, agora, dominado pela dualidade sexual – androgenia platónica que é uma verdadeira manifestação de maravilhoso.

Também este estado de idealização, o híbrido em que o corpo se transforma constitui a expressão acabada de um conhecimento participativo tão do agrado dos surrealistas.

Não deixarei de sublinhar o papel da mulher, no poema: fonte de fascínio e de desejo, a mulher surge associada ao mar e à poesia, através da sua capacidade unificadora:

“Mar de bosques que anuncia ao estrangeiro a terra perfumada oceano no teu oceano de olhar”.

Mas ela é também a Mulher-Mãe que, pela sua faculdade reprodutora, aparece intrinsecamente ligada ao dizer poético, ele próprio, reprodutor de imagens pelas quais o sujeito lírico aprisiona o passado adâmico.

E, tal como o ventre materno, o poema apresenta-se receptáculo de um tesouro oculto: a objectivação da subjectividade nele se cumpre em plenitude:

“Mar onde guardei o aquário azul que trouxe até hoje na memória só hoje te espalho para o mundo MAR”



O poema, tal como o amor, surge, assim, como a expressão acabada de uma comunhão com o Universo.

Todavia, o instante perturbador não deixará de eclodir e pôr fim à comunicação amorosa. Do momento pegaz da união, decorre o seu esgotamento e a consciência da perda:

“E Assim perdemos tudo – perder-te a ti Infinita

.....  
Saber-te depois distante entre as pedras do meu sonho”.

Não deixarei de citar, a propósito, as palavras de Maria de Fátima Marinho, em “Uma escrita feminina ...” “a problemática hetero ou homossexual cria uma certa noção de pecado que acaba por ser associado à figura da mulher e, por meio dela, à poesia, fogo roubado aos deuses.”<sup>6</sup>

Com efeito, também a noção de transgressão se insinua no poema em imagens insólitas e inverosímeis, simbolizada pelo fogo devastador e autofágico que destrói para renovar:

“Pelo incêndio que percorre o mundo num autocarro” ou pelo “mar azul vermelho queimado de arestas”.

Símbolo, porém de energia e transmutação, à semelhança dos rituais iniciáticos, o fogo cumpre a sua missão de renovar incessantemente a energia que brota das palavras e tornar eterna a realidade que elas nomeiam:

SABER-TE ASSIMATÉ À ETERNIDADE LIBERTANAS SOMBRAS.

Como tal, todos os elementos - água, terra, fogo, ar -, associados ao amor, contribuem para a recriação desse mundo harmonioso e perfeito, mágico e maravilhoso, para o qual o Poeta viaja, através da energia dinamizadora das palavras.

---

<sup>6</sup> Maria de Fátima Marinho, “Uma escrita feminina...”, *Vértice*, II série, n.º 39, Junho de 1991, p. 50.

## BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO, Cristina Almeida – “Caminhos do maravilhosa em alguns poetas surrealistas”, *Vértice*, II série, n.º 39, Junho de 1991, p. 35.

ROSA, António Ramos, :è “Césariny ou a sublevação da palavra”, *Incisões Obliquas*, Lisboa, Caminho, 1987, p. 27.

MABILLE, Pierre :è *Le merveilleux*, Paris, Éditions des Quatre Vents, 1946

MARINHO, Maria de Fátima, :*O surrealismo em Portugal*, Lisboa, JN-CM, s/d, p.218:*Vértice*, II série, n.º 39, Junho de 1991, p. 50.